

Os Cullens eram irlandeses, mas foi em França que os conheci e pude formar uma ideia acerca da sua relação e dos seus problemas. Passaram uma tarde por Chancellet, a caminho de uma propriedade que tinham alugado na Hungria, para visitar a minha grande amiga Alexandra Henry. Isso passou-se em Maio de 1928 ou 1929, antes de todos nós regressarmos à América e de ela ter conhecido o meu irmão, com quem veio a casar.

Os anos 20 foram, obviamente, muito distintos dos anos 30 e dos 40 agora iniciados. Na década de vinte não era inusual encontrarmo-nos com pessoas de outra nacionalidade em algum país tão estrangeiro para eles como para nós, num entrecruzar de peregrinações; no espaço de uma tarde, ou pouco mais, fazíamos o possível por conhecê-los; e era possível que ao breve clarão desse encontro chamássemos conhecimento, amizade. Havia no ar uma espécie de curiosidade idealista, ou optimista. E as extravagâncias de carácter, assim como os variados conflitos e armistícios que na psique se sucedem, pareciam-nos do maior interesse e até importância.

Actualmente, Chancellet deve ser uma dor de alma, embora a sua ausência de importância o deva ter preservado de grandes alterações. Segundo recorde, havia a dois ou três quilómetros dali, em Pelors, uma escola daquilo a que hoje em dia se chama, romanticamente, navegação aérea, com um pequeno aeródromo e alguns hangares; mas se o local está ainda em uso, é provável que se encontre agora nas mãos dos estrangeiros. Naquele tempo, a velha

Duquesa de Challot e os seus amigos e parentes pobres iam todos os dias, dentro dos seus casacos justos, caçar a cavalo para a floresta de Pelors. Ouvíamos ao longe as suas cornetas de caça, cujo som chegava até nós como um coro de rapazes sopranos, perdidos depois de um piquenique. Hoje em dia, é provável que por entre as luras das raposas tenham sido instaladas armas de defesa anti-aérea, para a protecção de Paris, e que um furioso vozear radiofónico percorra os seus caminhos bem cuidados. Pelos menos as raposas e os tordos podem agora regressar. O velho ministro, cuja mansão e pequeno parque confinavam com o jardim de Alex, já faleceu.

A casa de Alex ocupava uma parte da rua da aldeia: dois pequenos edifícios e um grande estábulo agregados e reconstruídos, dispendiosamente mobilados ao estilo moderno, de linhas simples. Ela ou o seu arquitecto cometeram um erro na planificação do piso térreo. A sala de jantar e o principal quarto de hóspedes davam para a rua, que era também a estrada para Orléans e para a turística região do Loire; de forma que os temerários automobilistas franceses passavam quase rente às paredes da casa, e os pesados camiões nos alvoroçavam as noites. Para o espaçoso e sossegado jardim das traseiras dava não apenas o quarto de Alex, mas também a cozinha e a copa. Isto fizera as delícias dos novos criados que Alex trouxera consigo de Marrocos, dois amantes de nome Jean e Eva. Estes apoderaram-se imediatamente de um canto distante do jardim, junto a umas árvores, e nele passaram todos os seus momentos livres dessa Primavera; aí os víamos discutir durante o dia, e por vezes choramingar, mas acabavam inevitavelmente por fazer as pazes ao crepúsculo ou ao luar, selando então com beijos o seu armistício... Menciono esta inusual localização das dependências dos criados porque, num dado momento dessa tarde da visita dos Cullens, eu fui falar com a Jean e, pela janela da cozinha, vi o Sr. Cullen no jardim, futilmente rendido aos seus terríveis ciúmes, momentaneamente emancipados do amor.

Ninguém me avisara dessa visita, ou talvez sim e eu o tenho esquecido. Ouvi a campainha da porta, que voltou a soar logo de seguida. Jean e Eva deviam estar no jardim, ou a dormir. Alex estava a telefonar para Londres, por causa de uma qualquer aborrecida

questão de negócios, e pedira para não ser incomodada. Assim, fui eu abrir a porta, deparando com um enorme *Daimler* preto, que ocupava por inteiro o empedrado caminho de acesso que ligava a casa à estrada, e com o irlandês, que se preparava para tocar novamente. «Olá, como vai, esta é a casa da menina Henry, eu chamo-me Cullen», disse ele; e voltou-se para ajudar a Sr.<sup>a</sup> Cullen a sair do carro, uma operação delicada, pois ela trazia sobre o pulso um falcão adulto, cuja cabeça estava coberta pelo caparão. O motorista, um homem novo e elegante, dava também uma ajuda. Ela vestia com extrema elegância e os seus sapatos tinham os mais altos tacões que até hoje vi, em cima dos quais, flanqueada pelos dois solícitos homens, avançou cambaleante pelo empedrado. A ave oscilava ligeiramente no seu braço e erguia as asas para manter o equilíbrio.

Eu disse-lhes o meu nome e eles repetiram-no, apertando-me a mão com uma espécie de afabilidade vaga e senhorial. «Trouxe o meu falcão», disse escusadamente a Sr.<sup>a</sup> Cullen. «É uma fêmea, é nova. Achei que a Alex não se importaria. Espero que você também não», acrescentou ela, e fez uma pausa, fixando-me com os seus olhos brilhantes e lisonjeadores, não fosse dar-se o caso de eu possuir alguma espécie de autoridade em casa de Alex, «Espero que não se importe». Ela não tinha maneira de saber quem eu era, ou a que título estava naquela casa: se era um visitante ocasional, um familiar ou o namorado de Alex.

Os seus olhos eram de um azul cristalino, inconfundivelmente irlandeses, e apesar da vivacidade inglesa da sua voz e do seu belo vestido francês, outros aspectos havia que a tornavam inconfundivelmente irlandesa. A sua maquilhagem, mais cuidada do que se esperaria numa falcoeira, deixava perceber que a sua pele era naturalmente aveludada e que o seu nariz arrebitado tendia a um tom róseo. Havia também no seu rosto algo de irregular, em especial no alinhamento das suas narinas e na sua boca pequena e loquaz. Como é rara a beleza nos irlandeses, disse eu para mim mesmo; mas quando aparece, que problemas não causa: Emer e Deidre, a Sr.<sup>a</sup> O' Shea e a Sr.<sup>a</sup> McBride. O meu olhar incidiu então nos dedos níveos e rechonchudos da Sr.<sup>a</sup> Cullen, num dos quais se via um grande diamante, noutra uma estrela de safiras. Entre a

manga e a luva de couro onde o falcão se agarrava, o seu pulso exibiu uma brancura de lírio, e um mero olhar para as suas meias permitia deduzir o mesmo acerca do seu tornozelo. Esses belos sinais bastavam, sem dúvida, para que provocasse um certo encantamento, e até perturbação, no sexo oposto: no seu marido, por exemplo.

Entretanto, Jean chegou a correr, claramente embaraçado, abotoando o seu casaco branco; disse-lhe para ir avisar a sua senhora da chegada dos convidados e indicar a garagem ao motorista, enquanto eu tentava conduzi-los à sala de estar. «Chama-se Lucy. Não a acha um encanto? Veio da Escócia; só a tenho há cinco ou seis semanas. Ficou presa na armadilha de um coiteiro, perto de Inverness, mas está bem, a armadilha só apanhou uma das garras. Está a ver, aqui?» Ela deteve-se à entrada da sala e ergueu a mão enluvada e o pulso onde Lucy se empoleirava, e eu vi: cravada no couro áspero e manchado da luva, uma das suas garras afiadas apresentava uma leve deformação. As manchas no couro eram de sangue seco.

«Dei-lhe o nome de Lucy porque o meu pai costumava pedir que eu lhe lesse Walter Scott naqueles dias de Inverno em que o tempo estava demasiado mau para a caça. Achei que a Alex gostaria de a ver.»

«Tínhamos que a trazer, de qualquer modo», vozeou o marido, entrando na conversa. «Se a deixamos no hotel, pode causar toda a sorte de distúrbios. Assusta as criadas, que se põem aos gritos e a chorar. E depois tenho que lhes oferecer enormes gorjetas.»

Era um homem corpulento, não propriamente gordo, mas com focos de gordura acumulada irregularmente um pouco por todo o corpo, menos no meio do que em cima e à volta da cabeça, também nas mãos. A sua compleição britânica sugeria mais o prazer da comida e da bebida do que o gosto pelo tiro ou pela caça; e não havia nada nele que indicasse qualquer interesse pela falcoaria. Os seus olhos cor de avelã, algo injectados de sangue, exibiam por vezes um reflexo dourado; e o antipático trejeito com que abria e fechava os lábios, sob o ramalhete do bigode, fazia lembrar um beijo dado a contragosto.

Estávamos prestes a sentar-nos na sala quando ambos repararam nela, e sentiram-se evidentemente obrigados a um comentário.

«Que sala magnífica, magnífica», disseram; «tão original e moderna e confortável». Não era magnífica, mas sim grande: ocupava todo o espaço da antiga cavalaria, cujo barrelo fora removido, pelo que o telhado servia agora também de tecto, com velhos caibros de carvalho goticamente apontados ao alto, a oito ou nove metros de altura; a madeira encerada era de um tom castanho-escuro e as paredes estavam pintadas de branco. Fazia lembrar uma igreja rural. Nas paredes, penduradas a intervalos regulares, viam-se algumas obras de pintura moderna, rudimentares em termos de desenho mas transbordantes de cor, como vitrais. Mas num dia tão bonito como aquele, a arte moderna empalidecia e apoucava-se perante a vista do jardim e do parque por trás dele, pois o arquitecto de Alex havia removido desse lado um terço da parede, substituindo-a por dois painéis de vidro.

A Sr.<sup>a</sup> Cullen aproximou-se desse enorme janelão e, cortesmente, exclamou uma vez mais: «Magnífico jardim. Que sorte, terem um lago!» Era aquilo a que os franceses chamam um jardim inglês; sem canteiros formalmente delimitados — apenas alguns maciços de flores disseminados pelo relvado, caminhos junto à água e arbustos em flor, sob luminosidade abafada de um final de Maio. O céu característico da região de Seine-et-Oise, de espumosas nuvens sobre um azul pálido, estendia-se também aos nossos pés, reproduzido de forma tosca e desbotada na superfície do pequeno lago. Ao fundo, as árvores, cada uma vestida num tom ligeiramente distinto de uma mesma e extática cor.

Mas enquanto a Sr.<sup>a</sup> Cullen encarava tudo aquilo, eu tinha a impressão de que a sua reacção era de mera cortesia, que o seu olhar não absorvia nada do que estava a ver. Um ligeiro franzir das sobrancelhas, um pragmático relance, só para verificar se havia ali algo que lhe interessasse pessoalmente; e não havia. Passado um momento, as suas leves pestanas voltaram a piscar, e as suas pupilas azuis relaxaram-se, mantendo só o brilho. Os olhares expressivos e morosos, reservava-os apenas para o marido, ou para o falcão.

De facto, a única coisa que a vista do jardim lhe trouxe à mente foi que a ave não conseguia ver, pois tinha ainda enfiado na cabeça o caparão, decorado com plumas, que lhe deixava descober-